

CORPOS, VIOLÊNCIAS, SILENCIAMENTOS: O DISCURSO SOBRE A TRANSGENERIDADE*

Bodies, Violences, Silences: The Transgenderity Discourse

DOI: 10.14393/LL63-v36n1-2020-9

André Cavalcante**

RESUMO: Pensando as condições de produção do discurso, o imaginário do/sobre os sujeitos trans e o marco temporal das eleições de 2018, objetivamos analisar a relação entre os silenciamentos e a resistência do/sobre o corpo trans no espaço virtual. Para tanto, elencamos duas matérias postadas em meios digitais, uma sobre a peça “O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”, quando houve sua interdição no Festival de Inverno de Garanhuns (PE) e outra sobre um assassinato de uma travesti em São Paulo (SP), com vistas a compreendermos as disputas de sentidos sobre as corporeidades trans através da fundamentação teórica da Análise do Discurso materialista. Juntamente com as matérias, analisaremos seus comentários, uma vez que este é um espaço no qual, pela ilusão de tudo se poder dizer, os sujeitos produzem discursos em consonância com a causa trans ou discursos de ódio que deslegitimam, silenciam e deslocam sentidos sobre estes corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo trans. Transgeneridade. Silenciamento. Resistência.

ABSTRACT: By reflecting upon the discourse production conditions, the imagination of/on trans individuals and the temporal landmark of the 2018 elections in Brazil, I aim to analyze the relationship between silencing and resistance of/to the trans body in the virtual space. To this end, I selected two pieces of news posted in digital media, one about the play *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* [free translation: *The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven*], which was interdicted in the Winter Festival of Garanhuns, State of Pernambuco, and the other about a ‘travesti’ murder in Sao Paulo. I analyzed these pieces to understand the dispute of meanings involving the trans corporeality based on the theoretical framework provided by the Materialist Discourse Analysis. Complementarily, I analyzed the comments on the news, as this is a space where the individuals, under the illusion that everything can be said, produce discourses in tune with the trans cause or hate discourses that delegitimize, make silent and displace meanings about such bodies.

Keywords: Trans body. Transgenderity. Silencing. Resistance.

* Uma versão semelhante a essa foi apresentada como comunicação no GT *O espaço virtual como condição de produção do discurso e práticas discursivas*, do *Seminário 50 anos de Fundação da Análise do Discurso Francesa (1969-2019)*, em Manaus-AM, no ano de 2019. Aqui apresentamos uma versão estendida do trabalho e em formato de artigo. Agradeço a leitura e comentários de Milene Leite e Ariana Rosa. Os possíveis equívocos que permaneceram são de minha responsabilidade.

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, integrante do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF), do Núcleo de Estudos e Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/UFPE), bolsista Nota 10 da FAPERJ. ORCID: 0000-0001-7654-3704. E-mail: acbs.cavalcante(AT)gmail.com.

“Eu tive tantos problemas; é um milagre eu ainda estar aqui.”

(Marsha P. Johnson)

Parte i. Os discursos sobre corpo e gênero e suas condições de produção

Corpos “pavoneavam”, diz Foucault (2017 [1976]) sobre o início do século XVII. Discursos e corpos não provocavam incômodos nem escândalos. Posterior a esse momento e intensificando-se a partir do século XIX, o sexo foi incitado a partir de uma vontade de saber que controlava os sujeitos. Sobre as interdições, em *A ordem do discurso*, Foucault (2014 [1970]) reflete que a prática discursiva é controlada, selecionada e organizada a fim de conjurar seus perigos e poderes. A forma de exclusão mais evidente é a interdição, uma vez que não se pode dizer tudo.

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 2014 [1970] p. 9)

Foucault (2014) investiga que, ainda dentro dos processos de exclusão, as áreas de maior interdição são a sexualidade e a política; a primeira se desarma, a outra se pacifica, a fim de silenciar, apagar tais discursos sobre corpos que impõem sentidos e vão de encontro com os mecanismos de controle e submissão ao Estado, na tentativa de torná-los dóceis.¹ A política questiona sentidos; a sexualidade revela que corpos são dotados de desejo, são, assim, temores sociais.

Vale ressaltar que as reflexões foucaultianas são da década de 1960-70, mas servem de ponto de partida para as discussões atuais sobre gênero e sexualidade. Ademais, nossa leitura

¹ Na esteira de Foucault, que reflete o biopoder, Preciado (2018) destaca, em *Testo Junkie*, que as mudanças do capitalismo não só transformaram corpos, gênero, sexo, sexualidade e prazer em objetos de gestão política, mas que essa gestão se deu por meio de dinâmicas do tecnocapitalismo, da mídia e das biotecnologias do período pós Guerra fria, uma vez que esse controle sobre as subjetividades pode ser ratificado a partir das técnicas necropolíticas da guerra.

aqui é de base materialista, ou seja, importa observar as relações da linguagem como forma material da Ideologia.

A questão central, neste trabalho, é o corpo materialidade do sujeito do desejo, e em especial, o corpo trans como uma corporeidade que não se identifica com as cisnormatividade, ou seja, não corresponde ao gênero imposto no nascimento. Assim, travestis, transexuais, transgêneros, pessoas não-binárias e outras identidades trans pela linguagem subjetivam-se e produzem resistência através do corpo.

É pelo corpo como lugar material, como ferramenta de análise, como linguagem (LEANDRO-FERREIRA, 2015) que esses sujeitos impõem sentidos outros que desestabilizam o já-posto sobre identidades de gêneros hegemônicas como “homem” e “mulher”. Neste sentido, objetivo, neste trabalho, compreender a disputa dos sentidos dos/sobre os corpos trans no espaço virtual na conjuntura atual. Para tanto, partimos das discussões de duas matérias postadas no espaço virtual, uma sobre a peça *O Evangelho segundo Jesus, a rainha do céu*, divulgada no Jornal Folha de Pernambuco, quando de sua interdição no Festival de Inverno de Garanhuns (PE), no ano de 2018, e outra sobre um assassinato de uma travesti em São Paulo (SP), divulgada na página do Facebook, intitulada *Travestis e Transexuais Brasileiras*, também em 2018.

Aqui, a teoria que dá base para nossas questões é a Análise do discurso de base materialista, tal como concebida pelo grupo em torno de Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil a partir dos trabalhos de Eni Orlandi e de outros pesquisadores. Tal teoria visa compreender os efeitos de sentido produzidos na língua, levando em consideração que os sujeitos e os sentidos são historicamente situados e estão sempre em disputa na relação da reprodução/transformação das condições de produção.

Essas matérias foram divulgadas no espaço virtual, sobretudo no Facebook, em que ocorreram vários debates, disputas de sentidos e sentidos outros que margeiam entre o empírico e o virtual. Sobre esses espaços, Grigoletto (2011) discute que o virtual não se desvincula do empírico nem do discursivo, uma vez que o espaço virtual se insere, também, na formação social, que é historicamente situada; portanto, ele também é atravessado de linguagem. Assim, as práticas languageiras produzidas no virtual são efeitos do discursivo e também produzem sentidos nas práticas sociais. Desse modo, não se constitui como um novo

espaço, mas um entremeio entre o discursivo e o empírico, pois há nele características desses dois.

No virtual, os sujeitos se sentem “livres” para “tudo dizer”, afetados pelas ilusões subjetivas (PÊCHEUX, 2009 [1975]) de serem donos do seus dizeres e de controlarem os sentidos, produzem discursos em consonância com a luta trans ou discursos de ódio que deslegitimam, silenciam e impõem sentidos normatizantes sobre os corpos trans. Esse espaço contraditório é tanto lugar de produção de discursos de resistência de transgênero como o lugar onde dizeres transfóbicos são ditos de forma bastante violenta.

Além de um espaço onde tais discursos circulam com mais frequência e que afetam também a mídia mais tradicional, seja por programas televisivos, ou novelas, filmes, entre outros, a conjuntura atual faz com que mesmo que uma porta sobre o gênero seja fechada, ele entra pela janela, ou seja, ele não consegue ser totalmente desarmado pelas interdições. É o que podemos observar na corrida presidencial das eleições de 2018, aqui considerada como também constitutiva das condições de produção dos discursos sobre os corpos trans, uma vez que as questões de gênero e sexualidade tiveram uma grande influência na política, mostrando seu “temível poder”, como será refletido na próxima sessão.

Parte ii. Entre silêncios e resistência, o corpo trans

Desde o início do movimento LGBTI+², as pessoas trans estão à frente da militância e da luta pelos direitos civis dessa população marginalizada. Isso aconteceu, por exemplo, nos Estados Unidos, na Revolta de Stonewall, em 28 de junho de 1969, em que pessoas trans³, drag queens e homossexuais e outros sujeitos de sexualidades e gêneros não hegemônicos se revoltaram contra a opressão policial que ocorria em bares LGBTI+, como o *Stonewall Inn*, e, assim, enfrentaram repressão policial e seguiram com vários protestos por Manhattan, Nova

² Tal sigla agrega sujeitos lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais e outras identidades transgêneras.

³ Destacam-se nessa revolta as transexuais Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, como líderes da batalha de Stonewall e, também, como militantes dos direitos LGBTI+; criticavam, à época, a discriminação dessas pessoas no contexto estadunidense. Marsha, transexual, *drag queen* e negra, era perseguida pela máfia e, por conta da sua militância, também era visada por outras pessoas que a via como uma transgressora. Anos mais tarde, foi encontrada em um rio. Sua morte até hoje não está bem solucionada e foi tida como suicídio pela polícia responsável pelo caso.

York, nos Estados Unidos, posteriormente. Tal dia foi eleito como um marco da luta desses sujeitos, conhecido como dia internacional do orgulho LGBTI+.

No caso brasileiro, não é diferente, sujeitos-trans estão na linha de frente nas lutas sociais pela igualdade de direitos entre pessoas cis e trans, seja nas discussões que questionam pré-construídos sobre masculinidade e feminidade ou pela conquista do acesso à saúde pública. Por outro lado, mesmo fazendo parte de um grupo amplo que agrega distintas sexualidades, tais como gays, lésbicas, bissexuais; assim como condições sexuais, como a intersexualidade; as pessoas transgêneras enfrentam maior violência, deslegitimação e exclusão dos espaços sociais. O Brasil, conforme dados da ILGA, Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos, ocupado o primeiro lugar em caso de homicídios dessa população nas américas⁴.

Apesar de as discussões sobre gênero terem tido um avanço nos últimos tempos na televisão ou em veículos mais tradicionais como jornais impressos, o espaço virtual se constitui como um lugar em que os discursos sobre transgeneridade ganham uma maior proporção, e onde muitos desses sujeitos podem falar por si, em grupos ou em páginas no Facebook e Instagram, por exemplo. Contraditoriamente, ocorrem também os silenciamentos e a expressão de discursos transfóbicos que agridem e desrespeitam esses sujeitos.

De forma sintomática, como mostraremos nas análises, as condições de produção favorecem a produção de discursos filiados à luta trans, mas também dão margem à discursivização que não se identifica com os dizeres sobre a transgeneridade e apontam para a transfobia e o conservadorismo. Junto ao espaço onde podem/devem circular tais discursos, há o contexto sócio-histórico da conjuntura atual do período eleitoral de 2018 que secciona em embates discursivos a população e os dizeres sobre corpo e transexualidade, tendo influenciado o resultado das disputas eleitorais.

Nessa seara, pensando o corpo trans e/como política analisaremos duas postagens e seus respectivos comentários, as quais tematizam as disputas dos discursos da/sobre a transgeneridade e sua relação com o silêncio e a resistência, tais como vistos na teoria discursiva.

⁴ Fonte: MPA BRASIL. <https://mpabrasil.org.br/artigos/parem-de-nos-matar-o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-lgbts-na-america-latina/>. Acesso em: 20 st. 2019.

GERAL

Após polêmica, Governo retira do FIG peça com Jesus travesti

Prefeito de Garanhuns havia criticado a peça, que tem a atriz transexual Renata Carvalho no papel de Jesus

Por: Folha de Pernambuco em 30/06/18 às 15H04, atualizado em 30/06/18 às 16H33

f t g+

A- A+ [Envelope] [Print] [Reportar Erro]



Depois de muita polêmica, o Governo de Pernambuco decidiu, neste sábado (30), **cancelar** a apresentação da peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu". A obra, que faz uma releitura atual de Jesus Cristo vivendo como travesti - vivida pela atriz transexual Renata Carvalho -, estava prevista para ser apresentada na Mostra de Teatro Alternativa do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), em julho.

A decisão foi anunciada através de nota assinada pela Secretaria de Cultura do Estado, que alega, para o cancelamento, "possibilidade de prejuízos das parcerias estratégicas e nobres" que viabilizam o FIG. "O Festival de Inverno de Garanhuns foi criado para unir e divulgar nossas expressões culturais e não para dividir e estimular a cultura do ódio e do preconceito".

- Democracia de verdade será quando a própria sociedade escolherá o que se deve fazer com os recursos públicos, enquanto isso não acontece, esses políticos e seus assessores ficam brigando entre si qual ideologia eles querem empurrar goela abaixo do povo utilizando o dinheiro que não lhes pertence.
Curtir · Responder · 33 sem
- Hoje você foi contra é homofóbico, mas deveriam ao menos RESPEITAR Jesus Cristo, agora eu vou lhes dizer, Paulo Câmara é muito mal assessorado isto poderia ter sido evitado e ter lhe desgastado ainda mais.
Curtir · Responder · 2 · 33 sem
- Parabéns Izaias! Respeito a Jesus é bom e nós cristãos gostamos.
Curtir · Responder · 32 sem
- Tudo tem limite, até mesmo a liberdade artística. Se você tem o direito de se expressar artisticamente nas ruas e nos palcos da vida, isso não significa que você tem o direito de menosprezar, ridicularizar e zombar da fé das pessoas. Se para alguns Jesus Cristo não significa nada, para muitos, ou melhor, a maior parte da população brasileira ou até mesmo do mundo, considera, respeita, ama e tem fé no filho de Deus. Jesus Cristo é o único santo verdadeiro, porque ele não nasceu da carne. Ele foi obra do Espírito Santo de Deus e nasceu da virgem Maria. Sei que alguns não acreditam, mas, tenho certeza que o filho de Deus é reconhecido no mundo todo como a salvação da humanidade. Por isso, não devemos manchar a vida de Jesus Cristo em uma peça de teatro, como se ele não tivesse nenhuma importância ou simplesmente igualar o filho de Deus aos meros mortais aqui da terra. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amado!!!! Amém!!!
Curtir · Responder · 32 sem
- A desmoralização do Brasil é tão grande que nem Jesus Cristo escapa. Mais um gigantesco absurdo contra o filho de Deus que morreu na cruz por todos nós.
Curtir · Responder · 32 sem

Figura 1. Matéria e comentários

Fonte: Folha de Pernambuco, 30 jun. 2018.⁵

⁵ Disponível em <https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/geral/2018/06/30/NWS,73484,71,480,DIVERSAO,2330-APOS-POLEMICA-GOVERNO-RETIRA-FIG-PECA-COM-JESUS-TRAVESTI.aspx>. Acesso em: 18 fev. 2019.

A matéria da Figura 1 foi publicada em um dos jornais virtuais pernambucanos de maior circulação e diz respeito à interdição da peça teatral *O Evangelho segundo Jesus, a rainha do céu*, interpretada como forma de monólogo pela atriz trans Renata Carvalho. Originalmente, tal peça foi escrita pela escritora e também atriz trans Jo Clifford, que foi proibida de entrar na igreja por ser uma pessoa transgênera, isto é, se identificar com o gênero oposto ao qual ela foi designada ao nascer.

A partir da peça, as parábolas contadas pelo Jesus bíblico são atualizadas para o contexto atual e a figura do filho de Deus é vivida por uma travesti, com isso, se propõe uma reflexão sobre gênero e espiritualidade. Tal espetáculo foi assistido por Nathalia Mallo, diretora de teatro, que proporcionou ao público brasileiro essas reflexões pela arte, mas que não passou incólume pelo cenário conservador brasileiro, surgindo alguns protestos, censuras e interdições.

Nesse cenário de disputas de sentidos sobre a (im)possibilidade de Jesus ser representado por uma mulher trans, houve censura, resistência e protestos, durante o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), em 2018, onde outros artistas que defenderam a liberdade de expressão artística também foram criticados. Portanto, se faz necessário compreender quais sentidos se produzem ao se interditar tal peça e, por conseguinte, silenciar os corpos trans na conjuntura atual, mas também, entender que há resistência.

Desde a referida peça teatral ter-se configurado como parte da programação do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) de 2018, ocorreram muitos questionamentos sobre a figura de Jesus (não) poder ser representada por uma travesti. Alguns religiosos e políticos⁶ da cidade do agreste pernambucano criticaram sua proposição, mesmo sem conhecer o conteúdo da encenação artística. Como enunciado no excerto acima, houve muita polêmica e o governo de Pernambuco, através da Secretaria de Cultura do Estado, decidiu cancelar a apresentação, pois haveria possibilidade de “prejuízos de parcerias estratégicas e nobres”. Ademais, em nota, a

⁶ O início da polêmica se deu quando o bispo da diocese de Garanhuns escreveu uma carta impondo que se a peça fosse realizada no FIG, ele não cederia a catedral para o evento, o que gerou problema para a organização do evento pela FUNDARPE, pois o espaço religioso também configura um dos locais onde ocorre parte da programação do festival. Em seguida ao bispo Dom Paulo Jackson da Nóbrega Souza outros líderes políticos e religiosos entraram nesse embate a fim de interditar a execução da peça, como o prefeito da cidade, Izaías Régis, o Juíz da suprema corte, Roberto da Silva Maia e a Ordem dos Pastores Evangélicos de Garanhuns. Abaixo de chuva, em meio a protestos e com ajuda de financiamento, a peça foi encenada.

secretaria de cultura diz que o FIG foi criado para divulgar as expressões culturais e não “para dividir e estimular a cultura do ódio e do preconceito”.

Inscrito no fio discursivo, através da inserção do discurso outro, no caso, os dizeres da Secretaria de Cultura de Pernambuco, a exposição teatral daria um “prejuízo financeiro de parcerias do FIG”. Dessa forma, o capital financeiro se sobrepõe ao papel da arte em entreter e fazer refletir, em especial, nesse caso, a relação entre gênero e espiritualidade. Ademais, ao pontuar que o festival não visava estimular a cultura de ódio nem o preconceito, se colocam sentidos para as pessoas que não conhecem (e que também não fazem questão de conhecer) o enredo da peça. Esta, com seu tema “polêmico”, é que estaria estimulando os embates discursivos em torno dela. Assim, provocando atrito entre alguns religiosos e políticos e as pessoas que não veem Jesus sendo representado por uma travesti como uma questão problemática. A cultura de ódio, na matéria, trata-se dos discursos ofensivos, violentos e conservadores contra tal peça produzidos pelas pessoas que protestavam contra sua realização. Esses discursos circularam juntamente a essas matérias, sobretudo nas redes sociais, como analisaremos à frente. No entanto, apesar dos comentários ofensivos em torno da peça, quem sofreu as punições foram os idealizadores de *O Evangelho segundo Jesus, a rainha do céu*, sendo interdita.

A interdição é uma maneira de se silenciar sentidos. Em “As formas do silêncio”, Orlandi (2013), de forma metodológica, o divide em dois tipos: silêncio fundador e a política do silêncio. O primeiro, o silêncio fundador, consiste na condição para produção e movimentação dos sentidos, a partir do silêncio é que o discurso pode ser produzido. Já a política do silêncio diz respeito à forma pela qual sentidos são interditados. Subdivide-se em silêncio local e constitutivo. O silêncio local define-se como a interdição do dizer, cala-se a voz do outro, proibindo-o de dizer. O silêncio constitutivo é caracterizado pela forma de se dizer “x” para não dizer “y” – quando se produzem determinados dizeres, outros são não-ditos.

Assim, pensando o funcionamento da política do silêncio no discurso sobre a transgeneridade, entre o silenciar, interditar, dizer para não-dizer e resistir, parto às análises do espaço de comentários da matéria acima.

No espaço de comentário, os sujeitos, sob a ilusão de tudo poder dizer, produzem, muitas vezes, discursos outros, que deslocam do tópico principal. Sobre o comentário, Foucault

diz que ele é uma prática de controle de discursos, assim, “muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar.” (FOUCAULT [1970] 2014, p. 22), como poderemos analisar nos comentários onde se silencia o tema e a proposta da peça em questão. A seleção dos comentários, aqui chamados de Sequências Discursivas (SD), foi feita pelos próprios sites, através do algoritmo que evidencia os mais curtidos ou respondidos.

Na SD1, o sujeito-comentador diz que “democracia é quando o povo escolhe o que se deve fazer com o dinheiro público”. Assim, é não-dito que, se dependesse do povo em si, a peça não seria apresentada. Além disso, há uma crítica aos políticos pernambucanos, pois eles podem manipular os cidadãos escolhendo qual ideologia seria transmitida com o uso do dinheiro público. Aqui, a ideologia é encarada como um conjunto de ideias passível de manipulação e que, conscientemente, seria escolhida para ser imposta ou não sobre determinados sujeitos. No entanto, discursivamente, a Ideologia consiste em práticas materiais afetadas pelo inconsciente e que se materializa na linguagem, sendo esta responsável pela evidência dos sentidos e dos sujeitos, produzindo efeitos sobre os sentidos e sujeitos, como se fossem unos, e sobre sujeitos, responsáveis pelos seus dizeres.

Na SD2, pela forma de denegação⁷, o sujeito diz que “não é homofobia”. Além disso, é possível observar que, para ele, não há respeito a Jesus associando-o a uma pessoa trans. Também é tecida uma crítica à política estadual pernambucana que poderia ter evitado o transtorno de cancelar a peça se não a tivesse deixado ser colocada na programação do festival. Vale ressaltar que, ao dizer “homofobia”, além de um possível desconhecimento sobre as identidades de gênero, produz-se também uma forma política de não dizer “transfobia” ou de reconhecer a identidade travesti como uma identidade transgênera feminina que não corresponde ao gênero masculino, tal como designado ao nascer. Isto é, não está no campo da homofobia, e, sim, da transfobia, ainda que tal sujeito, sob a ilusão de dominar seu dizer, diga que não se trata de uma prática discriminatória.

⁷ A denegação, para Freud, diz respeito ao mecanismo de defesa do sujeito pelo qual ele exprime negativamente seu desejo ou ideias recalçadas, não reconhecendo como um desejo expresso de forma consciente anteriormente. (ROUDINESCO; PLON, 1998)

Na SD 3, o prefeito de Garanhuns é parabenizado⁸. Izaías Régis empenhou-se bastante para que a peça não fosse apresentada na cidade, pedindo o cancelamento da apresentação. Ao afirmarem que a peça não seria modificada, o prefeito declarou que não cederia o centro cultural onde “O Evangelho segundo *Jesus, a rainha do céu*” seria encenada. Com isso, o político pernambucano ganhou vários apoiadores, pois, para ele, “Garanhuns é uma cidade cristã”. E, como para o sujeito-comentador 3, deve-se respeitar Jesus, pois os cristãos gostam.

Em SD 4, a liberdade artística é um direito, mas precisa ter limites pois não se deve zombar de Jesus, mesmo que muitos não acreditem. Para esse sujeito, Jesus não nasceu da carne, mas do Espírito Santo e da Virgem Maria. Portanto, não deve ser igualado a meros mortais. É, no mínimo curioso perceber que, também no agreste pernambucano, e em diversos outros lugares, Jesus é encenado por outros artistas e isso não causa nenhuma polêmica como a aqui tratada. No teatro de Nova Jesuralem, na cidade de Brejo da Madre de Deus, todo ano, durante o período da Semana Santa, Jesus é encenado por algum ator, no entanto, homem cisgênero (identidade de gênero que corresponde com a designada ao nascer), geralmente branco e de classe média. E essa encenação é vista e elogiada por milhares de pessoas, ao contrário do que é dito na SD 4.

Para o último comentador, tal peça comprova que “a desmoralização no país está tão grande que nem o filho de Deus escapa”. Este, que morreu na cruz para salvar os fiéis, é ofendido pelo fato de uma travesti representar seu papel.

O que está em jogo, nesse embate discursivo, não é o conteúdo dessa peça nem a possibilidade de outros atores encenarem ela, mas, sim, o fato de ser uma travesti a pessoa a representar esse papel. Trata-se de um corpo que significa e é significado através da memória e de sentidos já-construídos, mas que também desloca sentidos, equivoca as evidências sobre gênero e corpo, que está na disputa pelo poder ser/poder dizer frente às formas de silenciamento. Isto é, um corpo que produz resistência.

Nessa relação entre corpo e memória, Hashiguti (2018) assinala:

O corpo é um corpo de memória que determina e é determinado, no sentido de que é tanto corpo como espessura material do/no discurso, sendo assim materialidade determinante por sua visibilidade, quanto corpo de/na memória discursiva que

⁸ Informações do corpo da matéria.

constitui seus gestos, sendo assim corpo determinado. A memória de que se trata está no discurso que olha e diz o corpo e no gesto que o corpo realiza. A memória está no corpo e no olhar para ele, o que significa que ele é sempre corpo de memória. (HASHIGUTI, 2008, p. 110)

Para a autora, o corpo é uma espessura material discursiva de memória no qual a memória discursiva é representada por gestos, características do corpo e do olhar do outro para ele. Nesse sentido, o corpo travesti traz, pelos fios discursivos da memória, sentidos estabilizados e já-ditos sobre o gênero e sobre essas corporeidades. Além disso, trazem materialidades significantes de corpos que foram/são lidos como pertencentes a uma identidade de gênero outra que não corresponde às identificações sociais dos sujeitos trans. Assim, os sentidos desestabilizados pela existência desses sujeitos e, também, os outros sentidos postos sobre masculinidade e feminilidade são silenciados por sujeitos conservadores que, embasados por discursos cristãos, visam à interdição dos sujeitos trans e dos seus discursos. Tal interdição é uma maneira de silenciamento dos/sobre os corpos trans, seja pela violência física seja pela e/ou verbal, como analisamos, também, na próxima matéria.

Aqui o corpo, como já dito, é atravessado pela linguagem. De forma tal que um pedaço de carne se torna corpo e produz sentidos pois subjetiva-se por meio da entrada no simbólico. Portanto, ele também é resistência, uma vez que, como reflete Pêcheux, estas ocorrem na/pela língua, através das “quebras de rituais” e pelo “questionamento de uma ordem” (PÊCHEUX, 1990 [1982]) Nesse sentido, o corpo trans põe questões ao ritual ideológico, questionando a ordem da cisnormatividade e dos pré-construídos sobre masculinidades e feminilidades, ainda que na luta, na militância e sofrendo a violência e o silenciamento, como será analisado na matéria a seguir.

 **Travestis e Transexuais Brasileiras**
17 de outubro de 2018 · 🌐

Estamos com medo 😨 #EleNão



REVISTAFORUM.COM.BR

Aos gritos de "Bolsonaro", travesti é morta a facadas no centro de SP | Revista Fórum

😨👍😡 86 29 comentários 51 compartilhamentos

6  Bolsonaro não estava lá com certeza ! Mas seus seguidores são influenciado por ele , principalmente por ele incitar a violência a figura feminina .
Curtir · Responder · 38 sem · Editado 😨 1

↳ 1 resposta

 Alguém conhecia ela....sabe quem e??
Curtir · Responder · 38 sem 😨 1

7  Precisa pegar quem fez isso é ver se e eleitor mesmo de Bolsonaro pq a oposição estava programando para vários atentados assim só para o povo achar que era do partido dele
Curtir · Responder · 38 sem 😂😡 2

Figura 1. Matéria e comentários

Fonte: Revista Fórum, 16 out 2018.

A Figura 2 diz respeito a uma matéria do site Revista Fórum, datada em 16 de outubro de 2018 e compartilhada na página Travestis e Transexuais Brasileiras no dia posterior. O assassinato do sujeito referido na matéria ocorreu, portanto, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais. De acordo com a notícia, uma travesti foi assassinada por 4 homens na região central da cidade de São Paulo com facadas e aos gritos de “Bolsonaro” e “Ele sim”. A travesti foi agredida, esfaqueada por apoiadores do candidato do PSL às eleições presidenciais e não resistiu ao chegar ao hospital.

Na imagem, marcas de sangue; bar onde a travesti foi morta, interditado. Dizeres como “estamos com medo” e o uso da #EleNã. Esses dizeres, postados na página de postagens de militância trans, revelam o medo pelo qual muitas pessoas trans passaram durante o período eleitoral, em função do discurso transfóbico e violento preconizado por apoiadores do presidenciável, à época, Jair Bolsonaro (PSL). O uso da hashtag também foi bem recorrente em postagens contrárias à campanha dele. Junto a esses dizeres, há o compartilhamento da matéria da Revista Fórum, que sinaliza um silenciamento sobre os corpos trans. Tal forma de silêncio se dá pela tentativa de um apagamento, o corpo deixa de produzir sentidos, de (se) significar, mas há o resto, como algo que ainda produz sentidos, o sangue marcando o chão, a denúncia à polícia, a matéria sendo comentada nas redes sociais. Assim, um corpo que não se faz mais presente é discursivizado, resistindo a um apagamento total. Partimos, então, aos comentários dessa matéria.

Na SD6, o sujeito ratifica os dizeres de medo da conjuntura atual. Para este, apesar de Bolsonaro não estar no momento do assassinato, ele influencia os seus eleitores à violência contra a figura feminina. Assim, os discursos misóginos e lgbtifóbicos proferidos por ele influenciaram e influenciam as violências, sobretudo, contra a população LGBTI+, como se pode compreender pelo ato de violência ser cometido junto a dizeres como “Bolsonaro” e “Elesim”.

Na SD7, lê-se um embate discursivo no qual o sujeito-comentador questiona se os assassinos da travesti seriam mesmo apoiadores de Bolsonaro, pois, segundo ele, “a oposição estava programando para vários atentados assim só para o povo achar que era do partido dele”. Com esses dizeres, tal sujeito silencia a morte de mais uma pessoa trans no Brasil, como se isso fosse apenas uma disputa político-partidária, na qual os partidos financiariam a violência com o intuito de angariar eleitores. Assim, também, não se diz dos discursos de ódio e de

intolerância amplamente conhecidos na mídia pelo presidenciável representante do PSL (Partido Social Liberal) e que alavancou as disputas dos sentidos sobre gênero, corpo e sexualidade no período eleitoral.

A disputa das discursivizações desse período sobre o gênero fissa sentidos sedimentados sobre o que é ser homem, o que é ser mulher, e indicam que a política vai além de questões político-partidárias e de gestão, mas diz respeito ao dia a dia e a todos os sujeitos. Observa-se que, mesmo liderando as lutas do movimento LGBTI+, os sujeitos-trans são os primeiros a serem atingidos e a terem seus direitos básicos retirados, como o direito à liberdade de expressão e à vida, como mostramos nessas análises. No entanto, há sempre espaço para o rompimento com uma filiação ideológica, e para “ousar se revoltar”, como disse Pêcheux. Assim, corpos trans como materialidade significativa, perpassados de linguagem, dão “possibilidade de, ao se dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados.” (MARIANI, 1996, p. 24).

Parte iii. Entre fios e nós discursivos

Corpo, é, então, a “morada” do sujeito e onde a construção de gênero se produz na relação real-simbólico-imaginário. Para Preciado (2018),

O gênero é uma programação operacional capaz de desencadear uma proliferação de percepções sensoriais sobre forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidade. [...] produzir gênero implica um conjunto de estratégias de naturalização/desnaturalização e identificação/desidentificação. (PRECIADO, 2018, p. 127-128)

Pensando discursivamente, observa-se que o gênero é uma construção, como temos dito, mas que diz respeito também aos afetos, à identidade, ao desejo, e às práticas sociais. Como aponta Preciado (2018), implica estratégia de (des)naturalização e (des)identificações de sentidos já postos sobre determinados corpos e sujeitos.

Assim, o embate discursivo sobre o gênero, como impulsionado no período eleitoral, aponta para a importância do tema, que desestabiliza as evidências sobre as categorias de homem e mulher e sobre como a política está presente em nossas vidas. Ainda que com silenciamentos, discursos transfóbicos e violências, corpos e sujeitos trans resistem, deixam

seus rastros, produzem sentidos e fissuram no ritual ideológico. De forma tal que ser um sujeito-trans e uma sociedade que visa seu apagamento/silenciamento é um ato de resistência no/pelo corpo, que produz um deslocamento de sentidos já estabilizados sobre corpos, os quais, desejam pavonear sem interdições, censuras ou medo de, como Marsha P. Johnson, serem encontrados no fundo de um rio.

Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014[1975].

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GRIGOLETTO, E. O discurso dos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. *In*: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (Org.) **Discursos em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: UFPE, 2011.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Discurso: conceito em movimento. *In*: LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Oficinas de análise do discurso**: conceitos em movimento. Campinas: Pontes Editores, 2015.

HASHIGUTI, S. **Corpo de memória**. Tese de doutorado. Campinas, SP: 2008.

MARIANI, B. **O comunismo imaginário**. Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). 1996. Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2009[1975].

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 19, jul.-dez, p. 7-24, 1990[1982].

PRECIADO, B. P. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 29.09.2019

Aprovado em: 29.01.2020